



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

28 DE SETEMBRO DE 1963
ANO XX — N.º 510 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Africa

Só o amor é fecundo. O ódio, se gera..., é a destruição. O caos é aquilo que era antes que Deus criasse. A Criação é obra do Amor!

Há duas maneiras de estarem os homens frente a frente: ou voltados uns para os outros; ou uns contra os outros. Materialmente pode não se notar a diferença. Mas a atitude formal, intencional, é diametralmente oposta. O homem voltado para o outro, para colaborar com o outro, afim de ambos trocarem entre si os seus dons, na consciência da sua complementaridade e do enriquecimento mútuo que se proporcionam — os homens assim, estão na posição do amor, da fecundidade.

O homem voltado contra o outro vegetal, torturado pelo orgulho e pela cobiça. Não quer dar. Tampouco receber. Prefere saquear os dons que ele não tem e o outro sim. Esta operação implica a destruição da presa. É o próprio vencedor da luta contra o outro fica vencido, porque o dom que, enfim, obteve, já não é de um vivo, já não é dom vivo, e não pode senão ser portador de morte. Envenenou o dom do outro com o seu ódio ao outro — e ao tomá-lo, envenenou-se.

Esta tragédia repete-se desde Caim, no alvorecer da Humanidade. E milénios de História, não foram ainda lição suficiente, experiência bastante, para acabar de vez com os Cains que povoam todas as gerações.

Nem a re-Criação, operada por um acto de ainda mais espantoso amor que a própria Criação — a morte voluntariamente aceite por Cristo — nem este Sangue lavou da Humanidade a nódoa de Caim, que reaparece incessantemente ao longo do tempo! É o mistério das trevas no meio da Luz. Começou no dia do pecado... Acabará no último dia. Depois, haverá só Luz e só trevas. Mas até lá reinará, sem tréguas, a confusão.

Que pena fazem os homens que não querem ver! Que feliz seria a vida sem orgulho e sem cobiça — com humildade e amor!

Tudo isto me surgiu ao reler a carta de um dos nossos candidatos de desejo às novas casas de África. (Um dos tais

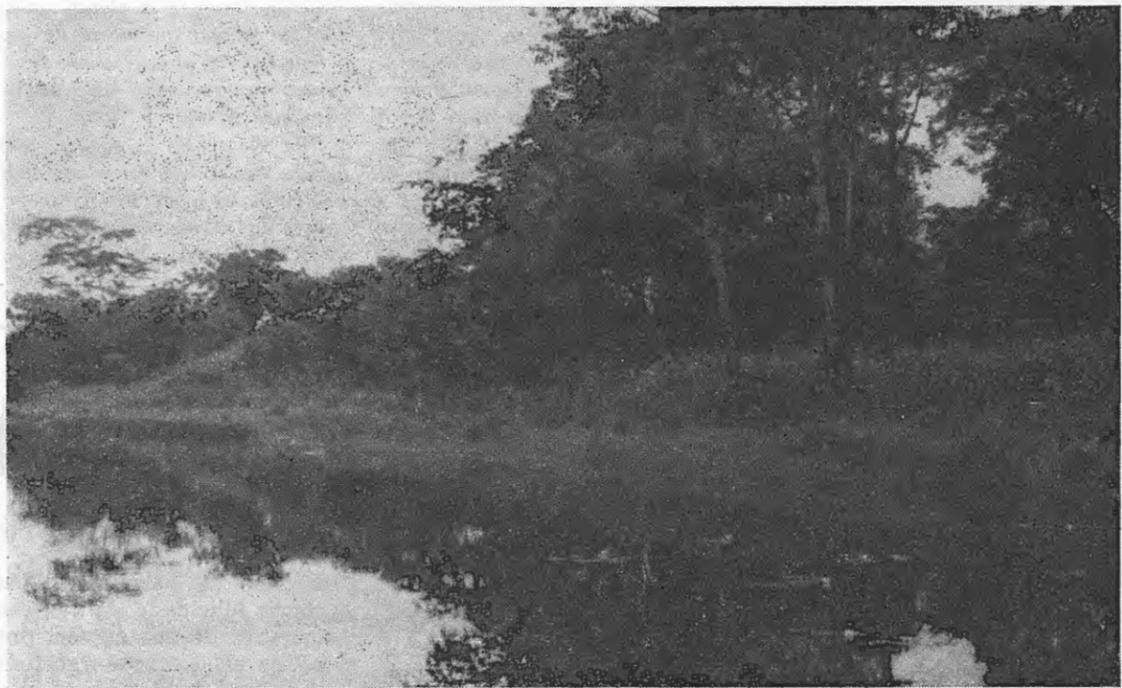
em que falo aí noutra lugar):

«Tenho esperança de que a Obra precisa de mim; eis a minha resposta pronta e direita. Também terei muito gosto em ajudar a encinar (sic) as criaturas pretinhas que também são filhos de Deus».

O «Faneca» decerto não sabe bem a profundidade do que diz, nem eu sei que tal seria a pureza da sua realização, se ele fôsse. Mas eu pergunto:

Que seria África, que seriam hoje todos aqueles povos designados por sub-desenvolvidos, se os desenvolvidos (?) que para lá foram tivessem ido com o espírito que enforma as afirmações do «Faneca»? Ele haverá no mundo, para um homem, maior opor-

Continua na SEGUNDA página



A OBRA DA RUA

em Angola

Mais uma lindíssima perspectiva da quinta do Culamoxito — futura Casa do Gaiato de Malange

TRIBUNA de Coimbra

AQUELA tarde foi pródiga em aflições. Sensibiliza-me sumamente quando homens de aspecto envergonhado se aproximam e, muito a custo, dizem ao que vêm.

Desta vez era um rapaz novo, já minado, macilento, humilde e desanimado. Conta o que o traz até nós. Tem vinte e tantos anos, é tuberculoso e a sua doença só lhe permite trabalhar levemente em meses intercalados com outros de

internamento no sanatório. A mulher estava no instituto com o quinto filhinho. Em casa não havia e habitualmente não há para a fome e para a renda da pobre barraca no alto de Santa Clara.

Ouvi. Informei-me. Tudo certo. Não devia ser, mas é. É certo, Senhor! É certo que Vós sois assim tão atribulado nas tribulações de irmãos meus, de irmãos de todos os outros irmãos que Vós tendes!

Continua na QUARTA página

ESTRANHO seria que o magno problema da escolha dos fundadores das duas casas angolanas não fôsse marcado pela contradição. A abertura delas implica uma alteração no nosso xadrez. E como o princípio da inércia é uma realidade de muito peso neste mundo, há sempre estremecimento numa mudança de velocidade.

Por isso os nossos corações andam cheios pela grandeza do momento que vivemos e preocupados até à estabilização dos novos quadros.

Mas, ao fim e ao cabo, o saldo de satisfação é fortemente positivo, graças a Deus.

Nos nossos padres encontramos a disponibilidade com que sempre contámos. Só não é possível irem todos... porque todos gostavam e estavam prontos para partir!

Assim... irá Padre Telmo para Malange — e fica em região muito sua conhecida dos quase quatro anos que passou em Cambambe. Benguela será a parte de Padre Manuel António — aquele que um ano após a morte de Pai Américo me surgiu qual «anjo do Horto» e me foi, ao longo destes seis anos, precioso companheiro de todos os dias.

Para o lugar que ele deixa em aberto virá Padre José Maria — que cinco anos consagrou as primícias do seu sacerdócio à nossa difícil Casa do Tojal. Rendê-lo-á Padre Luiz — que leva como dote o peso dos seus anos e da sua experiência mais a sua juventude de padre, para cumprir uma nova «étape» no sentido de uma casa «de

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

A Obra da Rua em Angola

Continuação da PRIMEIRA pág.

rapazes, para rapazes, pelos rapazes».

Dos rapazes, à parte uma ou outra falta de boa vontade entre os que foram convidados, colhemos também grande alegria.

Para além de uma dedicação definitiva ao serviço da Obra, que será sempre para poucos — para «raros» se essa dedicação for religiosamente professada — eu penso que todos os nossos Rapazes, devem servir enquanto estão, logo que chegarem à idade que é o tempo de darem os frutos de que foram servidos durante a sua meninice.

Infelizmente nem sempre assim é. Alguns, que foram servidos durante muitos anos, olham para a vida na perspectiva do seu interesse individual e cegam-se, não querendo ver que este próprio interesse seria certamente melhor servido, se eles aceitassem servir um bem mais universal. É pena!

Mas esta pena não tolhe a predominância da alegria pela boa vontade de tantos. É claro que esta boa vontade não é igualmente nobre em todos.

Não podemos pensar que o pequeno de oito ou dez anos que foi escolhido e irá, tem a mesma consciência da missão que lhe compete que o Rapaz de dezoito

ou vinte e quatro anos que também vai.

Mas há uma alegria geral em ir, apesar da prevenção das dificuldades inevitáveis, umas já previstas, outras que nos surpreenderão. E tem sido um corropio de pedidos... Um dia destes recebi uma série de cartas de vários, com o seu requerimento. O «Faneca» escreveu de manhã e à tarde veio ele trazer nova carta, acompanhada do poema que aí vai e de muitas lágrimas a reforçar a petição:

P E D I D O

Sr. padre quero ir para Angola Junto com os amigos meus Ensinar as criaturas pretinhas Que também são filhos de Deus.

Espero que a Obra precise de mim

Quero ir para lá em vão Quero ir para lá: enfim Tenho pena dos que lá estão.

Se o Senhor padre me quiser escolher

Vou para Angola com muito gosto Visto que a minha família Em casa me não pode ter.

Eis o meu pedido direito. Para mim é uma grande glória. Lá para Angola espreito. Que encontre a grande vitória!

Joaquim dos Santos «Faneca»

Essa noite, depois do terço, tive uma série de audiências, durante as quais de novo correram lágrimas. E a alguns quase tive de fazer a promessa de que iriam lá ter, promessa condicionada, é claro, pelo seu comportamento presente e futuro.

Por tudo isto e porque para nós o que conta acima de tudo é a alma dos que hão-de ir por causa das almas que iremos encontrar — que atitude pode ser a nossa senão de graças a Deus?!

AFRICA

Continuação da PRIMEIRA pág.

tunidade de consumir a sua própria felicidade, do que «ter esperança de que alguém precise de si» e dar-se «gostosamente» a esse, que «também é filho de Deus», é seu irmão?!

Aproxima-se o dia de partirmos. Voltas e voltas fazemos andar a cabeça um pouco à roda. Mas que se me dá do resto, que me importava tudo, se aquilo que o «Faneca» diz, fôsse na alma de cada um dos nossos vinte que em breve hão-de partir?!

Se isto fôsse nas almas deles e eu tivesse a certeza que perduraria, que cresceria até nas suas almas — eu ganhava coragem e teria argumentos para pedir, e convencer, que não nos mobilizassem, que nunca lhes pusessem uma arma na mão (que é imagem do homem contra o homem) para que eles fossem sempre, sem nada que manchasse, realidade viva do homem voltado para o homem, para se amarem ambos e, pela fecundidade-consequência do amor, gerarem a Paz.

TRABALHO

A ordem, a disciplina e o interesse dos meus rapazes seria um ponto convidativo para expressar todo o meu contentamento. Estou no meio deles, de caneta em punho... Embebido no seu e no meu trabalho. Mas, como sem ele, o trabalho, não é possível este quadro, nem tão pouco haveria possibilidade de moldar perfeitamente o seu futuro profissional, tenho de me virar mas é pra este capítulo necessário e mais do que isso — imprescindível.

Graças a Deus temos acordado muita gente, de norte a sul do país! E se não fosse o espaço exíguo do Famoso transcreveríamos, até, muitas cartas cheias de compreensão e dedicação. Todavia, não nos podemos furtar a publicar uns excertozinhos oportunos. Aqui temos, por exemplo, um do Cadaval:

«Recebi os trabalhos tipográficos que aí mandei executar e que vieram ao meu agrado. Para pagamento da v/ factura envio x. As migalhas são para ajuda da v/ máquina. Não vos esquecerei e quando precisar de mais trabalhos pedi-los-ei para aí». (O sublinhado é nosso)

E est'outro de Pinhal Novo:

«Junto um exemplar de factura de um amigo meu para que sejam «devorados» pela impressora 5 blocos com cópia, ou como for mais usual e conveniente».

Interesse, interesse — é o que afirmam estas e outras cartas. Nós rejubilamos. E temos fé, muita fé nos Amigos que hão-de acordar e encaminhar para a nossa Tipografia aquilo que, de momento, ela precisa mais — Trabalho. Muito trabalho. De todo o género e feitio. Que nós estamos aptos a executar toda a papelada indispensável ao movimento de qualquer empresa comercial ou industrial. Vamos pra frente, senhores e... senhoras!

P. S. — O telefone tocou. Peguei no auscultador e Sr. Padre Carlos dá-me notícia da vinda de um bom Amigo, portador de uma encomenda para a Tipografia.

Já na oficina, e com um sorriso nos lábios, diz ele, cingindo as mãos à cabeça: «Em Espinho, li no Famoso o vosso S. O. S.. E não resisti. Vim por aí fora. E aqui tem...» (Serviço de um colégio diocesano). Ó simpatia!

JÚLIO MENDES

ORDINS

Fala-vos da Casa das Tecedeiras uma voz que ainda não ouvistes. É a do Padre Vieira.

Quereis escutá-la?

Digo-vos já que nunca há-de emudecer, mesmo que seja importuna. É que ela advoga a causa dos Pobres, causa de Cristo.

Quereis então escutá-la, amiude? É quando se vos oferece ocasião de ouvir esta voz de Cristo, que pede que O atendais, para que o Pobre de Ordins não passe fome, tenha com que se cobrir, possua uma casa para viver... Em tudo isto podeis atendê-Lo sem dar esmola a alguém.

— Como então?

— Encomendando trabalho às tecedeiras: cobertores, carpetes, écharpes, camisolas, chales...

Apelamos indistintamente para todos, mas principalmente para quem pense oferecer enxovais a estudantes, ou roupas de agasalho a quem quer que seja. E esperamos que hão-de ser ajudados os Pobres de Ordins, em quem o Senhor Jesus vive também, a Quem ouvís e a Quem, na medida do possível atendeis, a Quem amais com todo o coração. É Ele que há-de pagar-vos todo o sacrifício que fizerdes e vos agradece.

PADRE VIEIRA

«O Gaiato» ★

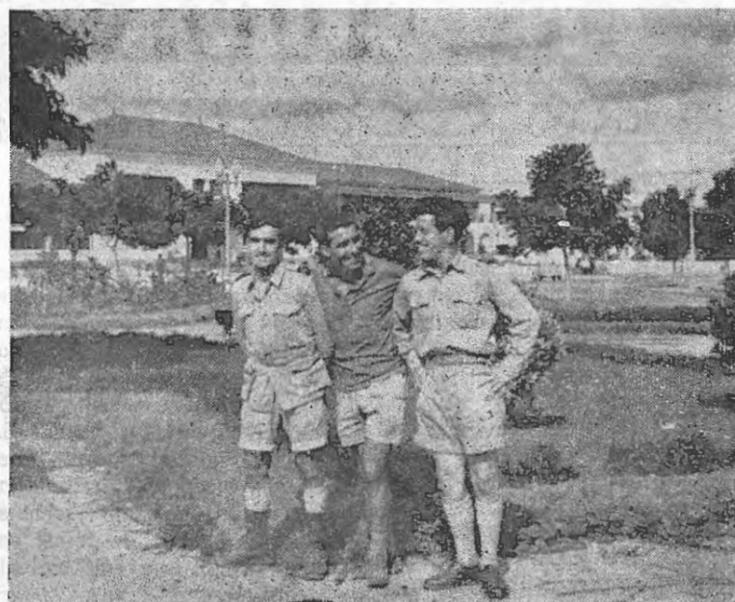
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Auto-Constuição

Antigamente, quando a construção de uma casa era uma tarefa fácil, foi assim. Toda a gente sabe que foi assim. Umhas pedras, uns paus, colmo, algum

Provincia de Moçambique

Mário Tito, Quim carpinteiro e Zé Adolfo «com sorrisos estampados no rosto, embora os corações cheios de saudade».



barro amassado e pronto. Todos construíam e todos possuíam. Veio a civilização e benvinda seja. Como a casa de hoje é diferente dessa que a primeira história nos apresenta! O projecto exigiu imaginação, bom gosto, cálculo, medida e, naturalmente, dinheiro. Teve de ser enquadrada na zona habitacional, pequenina em toda a parte, quando a comparamos com as necessidades.

A casa deixou de ser térrea, já não é o rés-do-chão mas os diversos andares. A grande maioria dos homens não sabe construir casas assim. Conclusão imediata: A maior parte não tem casa sua. Vive onde pode e como pode. Às casas sucederam os quartos. As barracas, aos milhares em todas as grandes cidades, são muito semelhantes às habitações de há três mil anos. O mundo evoluciona vertiginosamente. A velocidade é a marca da época. Tudo mais depressa. Os rraais ganham uma nova maneira

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PARTIU, rumo ao Porto, onde se foi empregar como escriturário, o Orlando, habitual cronista desta secção.

Para o lugar que ele deixou vago, havia além de mim, outro colega interessado. É ele o «Porto» actual secretário do Júlio Mendes.

Se padre Carlos, para não dizer sim a um e não a outro, resolveu: «Então desta vez escreves tu, e para outra vez escreve o António Porto. Aquele que se sair melhor será nomeado cronista oficial».

ADÃO — Já não é a primeira nem segunda vez que se mete em avarias. Desta vez foi ao açúcar.

Adão foi ao açúcar. Mas desta feita sucedeu-se mal. Pois o Adão, roubando-o, escondeu-o numa arca de feijão. Foi descoberto. Chamado a contas e depois de confessar a sua culpa, mereceu o respectivo castigo; mas este não era tão doce como o açúcar...

PRAIAS — Estamos no fim do verão e ainda faltam ir alguns. Entre estes estão incluídos alguns tipógrafos que, já desanimados, dizem: «Ó se Júlio, acho que vai ser preciso requisitar um guarda-chuva!» Mas ao fim e ao cabo, chuva ou faça sol, lá vão todos satisfeitos!

TRABALHO — Graças a Deus que ultimamente temos tido algum, mas não ainda o necessário para mantermos todas as nossas máquinas em funcionamento.

Júlio, chefe da tipografia, anda sempre a pedir trabalho. E quando vêm outras encomendas que fazem arregaçar as mangas, exclama: «Soma e segue». Ou ainda: «Mais um cliente novo!»

Ainda há pouco estava no escritório quando o Júlio, ao telefone, a pedir trabalho. Isto quer dizer que estamos um pouco enfiados sem trabalho e param as máquinas. Ora ele está farto e anda farto de pedir. Graças a Deus muitos têm-no ouvido.

A propósito disto, queremos dizer aos amigos leitores que presente-mente estamos aptos a executar qualquer serviço tipográfico.

Portanto não se esqueçam: Trabalho, muito trabalho, para a nossa Tipografia. Aguardamos as vossas ordens na volta do correio.

RETIRO — Deixado o reboição da nossa Aldeia, partimos rumo a Singeverga onde fizemos o nosso reiro.

de ser. Há cinquenta anos um lavrador da aldeia, com os seus bois, com a sua moita de carvalhos, os seus castanheiros, os seus filhos (de ambos os sexos) e um artista de pedreiro, e depois outro de carpinteiro, durante umas semanas, faziam uma casa para o rapaz ou para a rapariga que iam casar. Era uma vergonha não ficarem logo em casa própria. Verdadeira Auto-Construção. A casa lá ficava com as lojas de animais por baixo, ou ao lado, não faltando também a quintã para os porcos poderem andar ao sol e para o estrume ficar curtido. A porta da dita quintã era uma cancela e a corte dos animais tinha por vezes três paredes em volta de um penedo que fazia a quarta. As pedras lá se seguravam umas em cima das outras, sem serem picadas e sem argamassa. Por cima ou colmo ou umas telhas seguras com pedras no cume e nos beirados para não serem levadas com o vento.

Participaram ao todo 32 rapazes. Entre eles os maiores. Uma vez chegados a Singeverga, todos riam, falavam, brincavam, etc. Começado o retiro todos andávamos recolhidos e silenciosos.

No último dia, Américo (actual chefe maior de Paço de Sousa), lembrou a necessidade que tínhamos de um retiro espiritual.

Que cá fora não teríamos essa oportunidade, e que portanto devíamos aproveitar o melhor possível. Graças a Deus todos aproveitaram bem.

No fim todos os retirantes foram tomar banho à piscina maravilhosa de Singeverga. E assim terminou o nosso retiro de 1963.

PATINS — Já no último número, o Sr. P. e Telmo lembrou a necessidade que temos de patins.

Sabemos que sempre somos atendidos nos nossos pedidos. Mas desta vez parece que se esqueceram!

Quero dizer aqui aos Amigos leitores, que pequenos, grandes, velhos ou novos, tudo serve cá para a malta.

Portanto, amigos leitores, aqui fica mais uma vez o nosso pedido. Patins! Quem manda? Aguardamos, confiantes que, na volta do correio, não de vir muitos patins.

FUTEBOL — Há muito que não damos notícias do nosso Grupo Desportivo.

Mas ele continua em forma! No passado dia 14 do corrente mês, disputaram-se 2 desafios.

O primeiro, com início às 10 h. Saímos vencedores por 4-1.

O segundo foi para as reservas que também saíram vencedoras pela expressiva marca de 11-2.

Resultados que traduzem a nossa superioridade em relação ao adversário.

Como podem ver, o nosso Grupo, apesar de se ver privado dos melhores elementos, que parte deles estão para o Ultramar defendendo o que é nosso, não está muito abaixo de forma!

E, por hoje, tenho dito. Aguardo no entanto, as vossas encomendas de patins, e muito trabalho para a nossa Tipografia. Até já, despede-se o

Fausto Teixeira

MIRANDA

REGRESSO DE ANGOLA — Os nossos soldados, João Martelo e Zé Porto, que com tanta ansiedade eram

A pia, algumas vezes, era uma pedra natural em forma de concha, outras vezes uma pedra quadrada ou rectangular, aberta a pico até à fundura de trinta ou quarenta centímetros. As dobradiças, o puxador e a fechadura não eram precisos. Melhor, tudo isso era feito na própria e da própria madeira. Em vez da fechadura e da chave o carvelho. Voltar a esse tempo? Deus nos livre. Mas um grande número de homens de hoje tem de usar o processo de Auto-Construção para possuir uma casa sua. Não poderá ser isoladamente. Nem podem, nem sabem. Mas poderá ser uma equipa, ajudando, sendo ajudados, dando as mãos como amigos. Se alguém disser que isso é impossível contradiz os factos conhecidos como tais.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

PADRE FONSECA

esperados, já chegaram a nossa casa. Vinham cheios de saúde e sempre com o mesmo sorriso nos lábios.

Todos fomos esperá-los à estação.

À entrada da nossa casa, um dístico dava-lhes as boas-vindas: «Heróicos soldados sois bem-vindos à vossa casa».

Seguidamente, dirigimo-nos para a Capela. Ali, todos em reunião com o Senhor, na Santa Missa e na comunhão, agradecemos-lhe.

No fim foi a mesa. O «rancho» era de festa.

À noite, depois do jantar, foi na sala de festas. Houve teatro e acto de variedades. A peça de teatro «Morrer, sim, mas como heróis», alusiva àquele dia, foi pequena e bem representada.

O acto de variedades, decorreu da melhor maneira possível: poesias, anedotas, cantigas regionais e twist.

A sala estava cheia de amigos, e todos ficaram encantados com o nosso «Conjunto Podiódóó Chamá-lo», não excluindo mesmo os instrumentos musicais por nós usados. Só faltavam umas violas e uma bateria.

Finalmente, os dois soldados, a convite do nosso excelente locutor, subiram ao palco, acompanhados do Sr. Padre Horácio, que após umas breves palavras convidou todos os presentes a cantarem «A Portuguesa» tendo os dois soldados levantado a Bandeira Nacional.

OFICINAS — Todos os anos as nossas oficinas são aumentadas com rapazes livres de quaisquer ocupações escolares: ou com a 4.ª classe ou ainda aqueles que não tenham vocação para continuarem a estudar.

Este ano chegou a vez do Zé Bolas, que de roupeiro passou a carpinteiro; o Saquinhas, que deixando de lidar com os bois, quis ser serralheiro; Periquito escolheu para sapateiro e Carcaça preferiu, entre todas as artes, a de cozinheiro.

Que todos eles, cada qual no seu ofício, venham a ser operários úteis à humanidade.

RIO — O domingo passado, fomos até ao Rio Panão, que passa perto da vila. A nossa praia este ano foi em Julho... Depois do pequeno almoço era ver a malta pela estrada fora; uns com as panelas, outros com cestos de batatas e fruta, outros ainda carregando com a louça, um outro com uma saca de calções para tomarmos banho, etc.

Todos tinham a alegria estampada no rosto. O dia estava esplêndido; só a água é que estava um pouco fria, mas isso não obsteu a que a maior parte se regalasse a nadar e a atirar mergulhos para a água.

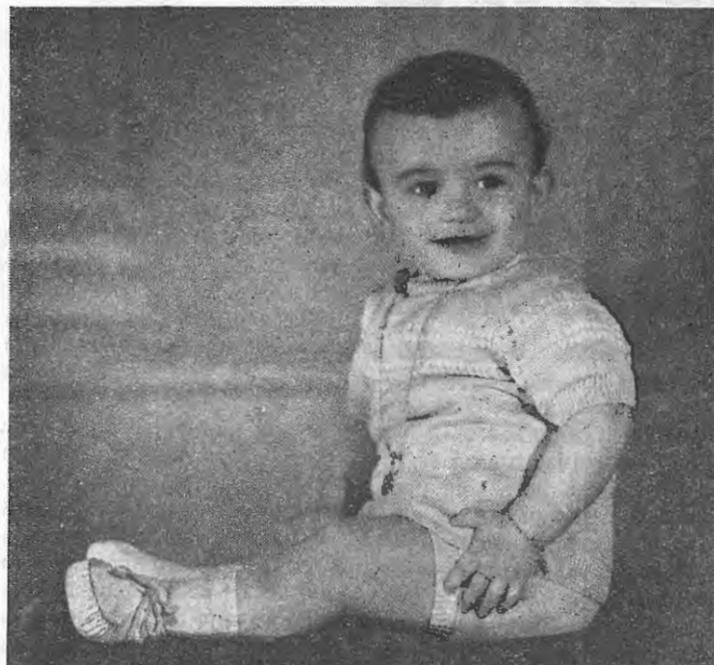
Depois do almoço, cada qual retirou-se para seu canto: uns liam, outros brincavam; também houve quem pescasse mas julgo que esses tiveram pouca sorte. Outros, ainda, dormiram regaladamente a sesta.

Os mais velhos foram à festa da Sra. da Piedade. Todos os que ficaram, tomaram mais uma banhoca e regressámos alegremente.

António Ferreira da Silva

Lar de Coimbra

Caros leitores: Novo ano lectivo vai começar. Cinco frequentarão o «Pedro Nunes», onde os directores têm sempre o desejo de serem mais; dez frequentarão a Escola Comercial e Industrial, nos seus cursos noturnos. Seis do curso Comercial e os restantes no Industrial. Ai encontra-



Mais um neto da Obra: filho do nosso Augusto Barroso, funcionário do Hospital de S. João e caloiro da Faculdade de Economia

mos os olhos arregalados do Senhor Director pelo nosso grande número. Esperamos este ano satisfazê-lo melhor que o ano passado, que muito triste ficou com o nosso aproveitamento. Prometemos aproveitar melhor.

—Os rebentos da Obra são a nossa maior consolação. Falo hoje dos meninos do nosso Humberto e do nosso João. Casaram no mesmo dia; Deus brindou-os com um filhinho cada e ficaram a chamar-se João Carlos e João José.

O João logo no primeiro dia teve de se sobrecarregar de cuidados pelo amor do seu primeiro menino, que teve de estar hospitalizado por uma deficiência física. O amor do João pelo seu filhinho foi proporcional ao sofrimento.

Eles põem em prática a doutrina que aprenderam em «Casa», educando bem os seus filhos para que possam ser bons cristãos e membros da sociedade.

Joaquim

Azurara

Leitores deste tão belo jornal, sabendo que tendes a amabilidade de ler esta crónica com molho à Ritz, fico satisfeitos.

Em primeiro lugar falo-vos da grande condecoração: Paulo, o homem das engrenagens, descobriu o caminho marítimo para o correio. Pela primeira vez que foi ao correio deixou cair tudo ao ribeiro! Tanto que o Júlio, como patrão, resolveu que Paulo devia levar a saca do pão por ser mais segura. E assim foi. Por isso, Paulo, o homem das engrenagens, recebeu a famosa medalha de cortiça, sob o aplauso de todos e dirigiu algumas palavras de agradecimento. Quim Pançudo depois de ser eleito sub-secretário do engrenador, pôs-lhe a medalha ao peito. O patrão da colónia de férias, quando acabávamos de comer nunca se esquecia do seguinte aviso: «Meninos, fazer as respectivas a trás os montes». Como sabem, e se não sabem ficam a saber, — a família Júlio Mendes & C.ª L.da tem muita fama.

Quem fazia o comer, (que não é de estranhar) era a Emília, cujos

petiscos não eram nada maus. O Júlio quando ia tomar banho dava do saltos, corria depois em direcção barraca e dizia: — A água está muito boa! A nossa barraca tem muita farr porque tem janelas em todas as direcções.

Bem, o melhor é acabar porque já é tarde.

Adeus e felicidades a todos.

Rui Amílcar

ERICEIRA

DELICADEZA — Continuamos a receber todos os dias o peixe que precisamos.

Todos demonstram carinho e amor aos nossos rapazes, mas não posso deixar de citar alguns nomes: traineira «Olho marinho» de Peniche que tantas vezes nos deu o peixe; a Senhora Maria de Lurdes que várias vezes nos deu o peixe. Finalmente mais um gesto de delicadeza: Uma das Senhoras da praça na mesa das tias Sara e Graciosa porque houve tanta discrição que não cheguei a saber o nome de pessoa que me disse que tinha muita pera no quintal e que devia oferecer-nos um cabaz de peras.

Fui à praça e as colegas dele disseram-me a verdade. Ela não tinha quintal nem peras; comprou a fruta mas por delicadeza não o quis dizer.

Mais uma vez louvei a Deus por ter depositado uma tal riqueza de amor no coração das nossas irmãs da praça.

COZINHEIRO — Temos recebido muito carapau, todos gostam de carapau frito mas o entusiasmo não é o mesmo quando se trata de limpar e fritar o peixe. Por isso quero agradecer o nome do «Chinês» que não sendo cozinheiro ofereceu-se várias vezes para fritar o carapau queimou-se com o azeite a ferver mas continuou a fritar o peixe com muita dedicação.

Achei por bem fazer conhecer a todos o nome do «Chinês» nosso jovem mas valente ajudante de cozinheiro.

Continua na QUARTA página

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

CALVÁRIO

Vive em velha mansarda, para os lados da Régua, com uns tios, ele trôpego, ela cega, e ambos muito pobres.

Vai em quinze anos paráltico e de tal jeito que nem movimenta qualquer dos membros totalmente contraídos. Os próprios maxilares não lhe deixam abrir a boca tendo que sorver os alimentos liquefeitos para os ingerir.

Somos informados de que se trata da maior miséria do mundo e o recolhê-la a maior dobede e caridade. É uma vibração cristã a que assim retine a nossos ouvidos. Vibrações de outra ordem não soam assim.

Em São Martinho do Porto, num curral imundo, entorpecida em cume pelos anos e pela doença, pobre velhinha vive à mercê de quem se lembra de a socorrer.

Mas a vida de cada um, hoje em dia, cada vez menos tempo livre deixa para nos ocuparmos dos outros. E esta pobre enferma, causticada pelas dores e pela fome, embebedada as horas com o sono para que os dias pareçam mais curtos. Vida de Pobres! Só eles

a conhecem! Nem a pena, nem a língua serão capazes de revelar o que ela seja. É uma experiência intraduzível a vida dos Pobres!

Estes dois são casos vulgares entre milhares que a nossa sociedade produz. Para uns mais doados numerosos a acrescentar a tantos já registados. Para outros, mais dois números a subtrair, porquanto arrumados no Calvário.

Estes casos costumam ser apenas objecto de contagem para as estatísticas; assunto trivial para os processos de inquérito; ganha pão (tantas vezes só ganha pão) para o funcionário frio do departamento assistencial.

Eles são tantos os casos, que o homem da rua está reduzido a caso. Já se lhe não chama pelo seu nome. Identifica-se com um número, em ficha de cor. Já não é o irmão a quem trata pelo nome do baptismo. Quando o baptismo não passa de mero cerimonial para a maioria, não admira que se ignorem as consequências dele e não se veja entre os homens a fraternidade dos filhos bem amados de Deus pois que é no mesmo baptismo que ela se origina.

O Armando mais a Senhora Madalena são hoje recém-chegados ao Calvário. Estão entre irmãos que lhe mostram os cuidados que a doença de cada um exige. Conservam o nome próprio. Não são mais um, nem dois. São irmãos no seio da família que os estima.

Vós a quem os dias, passados em bem-estar ou em bom-gozar de férias, não permitem tapar com a miséria, vede como os filhos dela se amam aqui. E por este amar — como o Mestre deseja — considera todos os Armandos e Madalenas irmãos teus.

PADRE BAPTISTA

Tribuna de Coimbra

Continuação da PRIMEIRA pág.

À esquina da Câmara passei por aquele pobre assalariado que só trabalha alguns dias e me saudou. Segui e ele foi após mim recomendar a sua situação. «A nossa vida está cada vez mais desgraçada. São oito filhinhos todos pequenos e minha mulher doente. Não esqueça a casinha que lhe pedimos».

A primeira frase feriu-me com a última palavra quase blasfema que o Senhor não tomou em conta. Deixei-lhe uma palavra de esperança e recomendei-lhe que repita também muitas vezes este pedido ao Pai Celeste. Subi a avenida com o peso desta família que vive numa pobre casa, sem condições de habitação e sem dinheiro para a renda muito atrasada.

QUANDO cheguei a casa ela estava à minha espera. Já não a havíamos visto, mas agora não a reconheci. Estava toda de luto e ainda mais triste. «Eu sou a mulher daquele entrêvadinho de Cernache a quem o senhor ajudou a fazer a casinha. O meu homem morreu e eu vinha pedir-lhe alguma coisinha para a ajuda do enterro, pois mal ganho para o pão dos meus meninos».

Na Baixa eu havia passado pela Casa do Castelo e ali tinham-me entregue um envelope que alguém lá deixara. Peguei e entreguei também. Fiquei feliz e ajudei a libertar a carga daquela pobre viuva. Que feliz se sentiu sempre Pai Américo em ser receveiro dos Pobres!

Padre Horácio

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

Continuação da TERCEIRA pág.

JORNAL — O Zézito foi comigo vender o jornal, ele é ainda muito pequeno e observei a sua maneira de proceder.

Aproxima-se das pessoas, faz um sorriso encantador e passa um jornal vendido. Quem pode resistir ao sorriso de Zézito? O sorriso dum criança da rua, sorriso cheio de alegria e confiança porque encontrou uma família onde pode desenvolver-se.

Era ver a sua alegria quando me vinha trazer o dinheiro da venda. Ele sentia que já ajudava na medida de suas forças.

PORCO — Nós temos um porco na Ericeira e Jaimito, o mais pequeno dos que estão actualmente na praia, pediu-me para poder tratar do animal.

É ver a vaidade do Jaimito quando ele trata do «seu» porco e cada um tem que vigiar sua bucha se não quer que o Jaimito a deite na pia do porco.

Os nossos rapazes são assim, cuidam com amor das coisas quando sentem que são deles.

Rogério Gomes

TOJAL

SELOS USADOS — Nunca esteve tão fraca a Campanha. As férias que agora terminam, devem ter sido a causa deste abaixamento. Estamos por isso convencidos que logo após o retorno ao trabalho, a Campanha dos selos usados volta a atingir o ritmo que a tornou uma campanha em cheio desde os primeiros dias do seu nascimento. Deus há-de permitir que assim seja de facto.

Dito isto, vamos assinalar as presenças destes últimos dois meses: «Para os Batatinhas do Gaiato envia alguns selos, o Amigo Rui Manuel (Batata)». De Maria Alice Jorge, de Porto de Mós; de «uma amiguinha do Gerez»; da Rendabela, do Porto; muitos de João Félix da Silva Capucho, Lda., do Porto, entregues no Espelho da Moda, que o Sepadre Carlos foi buscar e trouxe; da Casa do Minhó, em Lisboa; de Maria Valença, de Braga; de Mercês Rufino Correia, de Alijó; da Pérola do Chaimite, Lda., de Lisboa. E agora vêm os do Ultramar Português: J. Alves, do Funchal; do nosso assinante n.º 23274 (já muito conhecido na campanha), selos novos, sem goma; de Madail da Silva, de Angola; e finalmente da Sra. D. Ludovina, a quem muito agradecemos e festejamos pelo lugar no «Quadro d'Honra» que ocupa com merecimento.

MEL — Quarenta quilos dele foi quanto o Manuel dos Santos extraiu dos favos existentes nas nossas colmeias. Eu tive ocasião de assistir à extracção do dito e achei, apesar de trabalhosa, muito interessante. Parabéns ao apicultor e às abelhas.

OS NOSSOS CAMPOS — Sobre a colheita da batata chegou aos nossos ouvidos qualquer informação da quantidade em toneladas do precioso tubérculo. No entanto, podemos informar isto, porque tivemos oportunidade de provar, que em quantidade são uma maravilha. Quanto a couves, alfaces, cenouras, cebolas, tomates, feijão verde, etc., o ano não foi mau de todo. Graças a Deus. Esperemos o tempo do milho e da azeitona e daremos notícias.

PEDIDOS — Tínhamos na nossa agenda uma série de pedidos para fazer, mas não o fazemos. As nossas Casas de Malange e Benguela estão necessitadas de tudo e não podemos massacrar demasiado os nossos leitores. Eles bem merecem a nossa compensação.

Por isso, até à próxima, se Deus quiser.

Cândido Pereira

Visado pela
Comissão de Censura

BELEM

A COLHEITA DOS FEIJÕES — Na nossa quinta semearam-se várias qualidades de feijões. Até que eles nascessem deram muito trabalho. Primeiro de tudo teve de se lavar a terra, depois deitar-lhe estrume, adubá-la e por fim semearam-se os feijões. Depois deles já estarem crescidos foram regados e limpos das ervas ruins.

Num domingo, em que as mais velhas andavam a arrancar ervas das árvores, a nossa Mãe chamou a Lurdas e a Conceição para irem buscar um cansto, para levarem os feijões que estavam maduros para a loja.

No outro dia, as mais novas já tinham acabado os bordados, a nossa Mãe mandou-nos ir descascar o feijão. Levámos um saco para deitar os feijões maduros e uma panela para os verdes. As cascas também se guardaram. Agora, como não os podemos descascar na loja, porque estão lá cebolas, vamos descascá-las para a cozinha, que é bastante grande.

Fatimo-nos de cantar, mas fazer o trabalho bem feito isso é que não. De vez em quando lá deixamos ir alguns feijões juntos com as cascas, mas assim é que se aprende.

Fatinha

AS REGAS DAS ÁRVORES — Este ano na nossa quinta plantaram-se muitas macieiras. Temos muitas espalhadas pelos campos. Até que elas pegassem levaram muito tempo. Foi preciso comprar as árvores, fazer-lhes as covas, plantá-las, regá-las, etc.

Primeiro eram os homens que as regavam, mas a nossa Avózinha deu-nos umas cantarinhas vermelhas, para as podermos regar. Primeiro iam buscar a água a um tanque, perto de casa, depois o motor começou a avariar e não tornámos a regar.

Muitas vezes andávamos na brincadeira e deixávamos cair as cantaras e molhávamo-nos todas. Num domingo, em que andávamos a regar, a Conceição trazia um balde à cabeça com água, escorregou e deixou cair o balde para cima dela, que se molhou toda, e teve que se mudar de roupa.

Nós quando a nossa Mãe nos manda regar, ficamos todas contentes, porque gostamos muito.

Quem dera que o motor fique bom já hoje que as árvores estão mesmo a precisar de outra rega.

Fernanda

BORDADOS — Desde que começaram a fazer, temos bordado mais, mas sobretudo as mais pequeninas, porque as mais velhas têm outros trabalhos para fazer, limpar a casa, e não têm tanto tempo para bordar.

Os nossos trabalhos já estão outra vez expostos numa montra da «Casa Delfim Correia». Os panos de riscado agora já estão mais baratos, porque queremos acabar com eles e quem quiser é aproveitar, por que já não se fazem mais, a não ser que sejam encomendados.

A «Casa Delfim Correia» tem recebido algumas esmolas. Vão-nas lá pôr, porque dizem que esta casa é muito longe para cá virem e deixam-nas lá. O Senhor Correia até nos tem feito o favor de as cá vir trazer no carro. Portanto, quem não tiver tempo para vir a nossa casa, pode deixar à vontade tudo o que quiser na «Casa Delfim Correia» à rua Formosa.

Agora vou responder a algumas pessoas que escreveram, a fazer encomendas de bordados.

De Lourenço Marques, a Senhora D. Celeste Reis encomendou 8 namorados de 5 agulhas, feitos com linha grossa.

Este grupo já está pronto e vai seguir por barco.

Da mesma terra, a Senhora D. Maria José encomendou também três naperons da mesma qualidade, um de cada tamanho.

Também já estão prontos e vão seguir por barco.

Estas duas Senhoras perguntam se podem depositar no Banco Nacional Ultramarino, na conta da Casa

do Gaiato, dinheiro destinado a Belém.

Respondemos que sim, mas devem dizer na altura que se destina à nossa Casa.

O Senhor de Lisboa que já encomendou várias toalhas pediu mais outra e indica a quem a devemos enviar.

Só ficou agora pronta e vamos mandá-la. Está muito bonita e moderna. É amarela, bordada a preto.

Um postal de Senhora de Lisboa diz:

«Recebi a encomenda feita por mim dos naperons (de riscado) que vieram inteiramente ao meu gosto. Estão muito bonitos e muito bem feitos. Pediu um beijo para as queridas belenitas que neles trabalharam».

A mesma Senhora voltou a escrever e diz:

«Uma das minhas filhas viu os paninhos, gostou e pediu-me para fazer a encomenda de seis...»

Esta encomenda já seguiu e sabemos que agradou.

A senhora de Gaia que nos comprou um jogo de naperons de croché, disse que ficou satisfeita e já encomendou outro que está quase pronto. Logo que fique pronto o mandaremos.

A Senhora que nos mandou a máquina de tricotar diz que anda apormentada, por ela ser antiquada e dá a ideia de se abrir «uma campanha no jornal para que algumas almas boas ajudassem na troca por outra mais moderna».

Minha Senhora, não se aflija que a sua máquina há-de servir para muitas de nós aprendermos. Por enquanto está arrumada, porque nós ainda somos muito novitas e não há cá mais ninguém com tempo para trabalhar nela. Quando já soubermos bastante, então é que poderemos pensar em a trocar por outra mais moderna.

Outra Senhora de Lisboa pergunta se para os nossos trabalhos têm algum préstimo as meias de Senhora usadas.

Por enquanto não, porque ainda somos muito pequenas para fazer desses trabalhos tão pesados.

Outra Senhora do Barreiro pergunta se recebemos uma encomenda onde vinha uma camisola para mim.

Recebemos, sim. A camisola não me servia, mas não tem importância. Fica para outra. Muito obrigada.

Também do Barreiro, Maria de Fátima pergunta quantos anos têm as Fátimas e quando os fazem.

A Maria de Fátima, que trabalha na cozinha, faz anos em 17 de Dezembro e tem 13. Eu que dou pelo nome de Fátima, faço-os em 1 de Junho e tenho 12. A Fátima fá-los em 5 de Abril e tem 11.

E por hoje se esnaque. Adeus até à vista e não se esqueçam de que precisamos muito de dinheiro para pagar a Casa Nova.

Fátima

SETUBAL

PEDREIROS — Nós andamos a fazer os chiqueiros novos. A Escola Pecuária é de progressos, e nós, animados na ideia do progresso dos nossos rapazes, não medimos alcances nem posses. É preciso e os alicerces começam. As nossas obras aparecem feitas, e nem nós próprios sabemos quem nas custeou. Pois a obra de momento, é o chiqueiro prós cevados. E que chiqueiros! Eu tenho-me regalado de ver as paredes subir. Nos andames, anda um grupo dos nossos rapazes. Às vezes, o mestre falta, e nem por isso a obra pára. Se os nossos vão dando cartas. Pois os serventes se esforçam a que tudo corra bem!

Que bom tem andado este grupo dos nossos pedreiros!

BÉBÉ adoeceu. Está no hospital da cidade. Uma onda de tristeza paira sobre a nossa casa. O mais pequenino, é sempre o mais amado e dele nos vem o melhor amor. Oh Família!

Ernesto Pinto